

# TOPONÍMIA EM LIBRAS: LEVANTAMENTO, REGISTRO E CATEGORIZAÇÃO DE SINAIS DOS MUNICÍPIOS DO TOCANTINS

*TOPONYMY IN LIBRAS: SURVEY, RECORD AND  
CATEGORIZATION SIGNS OF TOCANTINS'S CITIES*

*Roselba Gomes de Miranda*  
*Universidade Federal do Tocantins*  
*roselba@uft.edu.br.*

*Bruno Gonçalves Carneiro*  
*Universidade Federal do Tocantins*  
*brunocarneiro@uft.edu.br.*

*Karylleila dos Santos Andrade*  
*Universidade Federal do Tocantins*  
*karylleila@uft.edu.br.*

**RESUMO:** Este artigo apresenta os procedimentos de uma pesquisa em andamento em relação ao levantamento, registro e categorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) do Projeto intitulado *Toponímia em Libras*, da Universidade Federal do Tocantins, que objetiva documentar e disponibilizar topônimos em Libras de cidades do estado do Tocantins através do armazenamento de informações em Fichas Lexicográfico-Toponímicas Digitais. Os sinais são coletados a partir da conversa espontânea entre surdos, através de observação participante e também por meio de entrevistas com surdos membros da comunidade surda. Para o registro desses sinais, foi elaborada uma ficha lexicográfico-toponímica que envolve os seguintes microparadigmas: a imagem do topônimo em Libras; o Mapa e Localização do Município; o *link* de acesso ao vídeo na Plataforma do *YouTube*; o registro do sinal em escrita de sinais, através do sistema *signwriting*; o nome do topônimo em língua portuguesa; a região administrativa a qual a cidade pertence, no estado do Tocantins; a descrição do sinal em seus aspectos articulatórios; a morfologia do sinal (simples ou composto); a categoria do topônimo (nativo/puro, inicializado ou soletrado); a motivação do sinal (icônica ou motivação da língua portuguesa e seus desdobramentos); o nome da pesquisadora responsável pelo levantamento dos topônimos; o grupo de validação do topônimo; o tipo de fonte; e a data da coleta. As categorias de análise foram em relação à forma (nativos/puros, inicializados/híbridos e soletrados) e em relação à motivação desses sinais (icônica e motivação em português).

**Palavras-chave:** Toponímia. Libras. Municípios do Tocantins.

**ABSTRACT:** This article presents the research procedures in relation to survey, record and categorization in a Project about toponyms in Brazilian Sign Language in some cities of the State of Tocantins. The signs herein presented were collected from spontaneous chats among deaf people, from observation and from interviews carried out with deaf people in the local deaf community. In order to register these signs, it was elaborated a lexicographic-toponymic form that involves the following microparadigms: image from the local sign in Libras; location and map of the municipality; access link to the video available on *YouTube*; the registration of the sign in signwriting, through the signwriting system; the name of the toponym in Portuguese; the administrative region to which the city belongs to; description of the sign in its articulatory aspects; the sign morphology (simple or compound); the toponymy category (native/pure, initialised or spelled); the sign motivation (iconicity or motivation of the Portuguese language and its consequences); the name of the researcher responsible for the survey of the toponyms; validation group of the toponym; the type of source; and the date of collection. Toponymy signs were categorised in relation to the form (native/pure, initialised/ hybrid and spelled), and about the motivation (iconic motivation, and Portuguese motivation). The data presented in this research is part of a larger Project, entitled *Toponyms in Libras*, which aims to document and make available toponyms in Libras by storing information in Lexicographic-Toponymic Digital Sheets.

**Key-works:** Toponyms. Libras. Cities of Tocantins.

## 1. INTRODUÇÃO

O ato de nomear é um acontecimento natural e pode revelar alguns aspectos da história, da cultura e da concepção de mundo de uma comunidade de fala. Eis a necessidade de uma análise ampla e minuciosa desse fenômeno para conhecermos um pouco mais sobre a linguagem humana e desvendarmos a riqueza envolvida nessa ação.

Neste artigo, apresentamos os procedimentos de levantamento, registro e categorização de dados de uma investigação sobre Toponímia em Libras, mais especificamente sobre a descrição e análise dos sinais de cidades do estado do Tocantins. Nosso objetivo é o de analisar a forma desses sinais topônimos e conhecer seus processos motivacionais envolvidos nesta nomeação, a partir do levantamento entre os membros da comunidade surda local.

Como ainda não dispomos de um banco de dados dos sinais das cidades do Tocantins, destacamos este projeto de levantamento de dados como um trabalho pioneiro e de grande relevância para a comunidade surda tocantinense, na medida em que favorece a implementação de políticas linguísticas envolvendo Libras e os surdos brasileiros.

A disponibilização de informações sobre esses topônimos, oriundo de um levantamento e registro sistemáticos, favorece a elaboração de um banco de dados, glossários e dicionários

especializados, com repercussão importante na disseminação e na padronização desses itens lexicais. Ressaltamos ainda que a descrição e a análise desses sinais favorecem os estudos linguísticos das línguas sinalizadas, mais especificamente de Libras, promovendo-a enquanto língua natural e fornecendo informações para compreendermos um pouco mais sobre os sistemas que compõem as línguas, bem como a linguagem humana em geral.

Os resultados desta pesquisa têm a intenção de contribuir com o Projeto *Toponímia em Libras* e coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal do Acre. Este projeto tem por objetivo documentar e disponibilizar topônimos em Libras, de diferentes cidades do país, através do armazenamento de informações em Fichas Lexicográfico-Toponímicas digitais.<sup>1</sup> O sítio eletrônico, vinculado ao Projeto *Toponímia em Libras*, possibilita a socialização e a disseminação de informações toponímicas dos estados, além de permitir a documentação e disponibilização de dados sobre a Libras que atendam a diferentes objetivos de pesquisas.

Este trabalho tem o interesse de conhecer os sinais topônimos em circulação. Não há a pretensão de criar novos sinais, em uma postura hegemônica frente à comunidade surda local, mas de catalogar os sinais em uso. Nesse sentido, buscamos identificar os sinais que estão em circulação, fazer um registro e análise desses topônimos, de maneira a descrever as características articulatórias e motivacionais, além de propor uma tipologia.

Ainda em relação aos benefícios do levantamento, registro e divulgação dos topônimos que estão em uso, há o impacto positivo direto para os surdos sinalizantes da Libras, por exemplo, no que se refere à circulação de informações em veículos de comunicação de massa. Muitas ações são demandadas a partir de conquistas legais, que orientam um planejamento de *status* e de corpus da Libras.

Este artigo foi dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos algumas especificidades do sistema léxico-gramatical das línguas de sinais. Na segunda, trazemos considerações sobre a diferença surda e de que forma a concepção de mundo de uma comunidade reflete sobre o sistema lexical de uma língua (de sinais). Na terceira seção, apresentamos os procedimentos de levantamento, registro e categorização dos sinais topônimos e, por fim, apresentamos alguns dados de sinais das cidades do Tocantins.

## **2. ORGANIZAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

As línguas de sinais são produtos da linguagem humana e, por serem naturais, compartilham propriedades que estão presentes nas línguas orais. As línguas de sinais

---

<sup>1</sup> Informações de topônimos em Libras do estado do Acre podem ser encontradas neste site: LIBRAS UFSC. Disponível em: <http://www.toponimialibras.com>.

exibem também características específicas, por serem de modalidade gestual-visual. Uma determinada língua de sinais, enquanto língua individual, apresenta padrões léxico-gramaticais específicos àquele sistema linguístico. Afinal, todas as línguas existem a partir de seus sinalizantes (e falantes) em uma comunidade.

Em relação às unidades lexicais, os sinais da Libras são formadas a partir de estruturas sublexicais conhecidas como parâmetros que, por sua vez, se combinam tanto simultaneamente quanto sequencialmente. Os parâmetros, nas línguas de sinais, envolvem a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais (BARROS, 2015; FARIA-NASCIMENTO, 2009; FERREIRA, 2010; NASCIMENTO, 2011; QUADROS; KARNOPP, 2004).

A configuração de mão corresponde às diversas formas que as mãos assumem na realização dos sinais, que podem coincidir com formas que remetem à ortografia de um sistema de escrita de uma língua oral. O ponto de articulação é o local onde os sinais são articulados, que podem ser no espaço neutro ou em uma determinada região do corpo. O movimento é um parâmetro complexo, que pode envolver movimentos internos da mão (mudança da configuração e/ou orientação da palma), movimentos do pulso, deslocamento da mão, movimentos direcionais (a um ponto específico) e movimentos de repetição do mesmo sinal. A orientação da palma diz respeito à direção em que a palma da mão está voltada durante a articulação do sinal. Por fim, as expressões não manuais correspondem aos movimentos de bochechas, olhos, cabeça, sobrancelhas, lábios, língua e tronco, que também podem ter uma implicação gramatical.

Sobre a organização das unidades sublexicais, Xavier (2006) descreve a estrutura fonético-fonológica da Libras a partir do modelo de movimento e suspensão (LIDDELL; JOHNSON, 1989; XAVIER, 2012). Nessa proposta, é possível reconhecer tanto a simultaneidade, quanto a sequencialidade. Na articulação dos sinais, há momentos em que a(s) mão(s) está(ão) em movimento contínuo, bem como momentos em que ela(s) está(ão) parada(s). Partindo desse princípio, os sinais são analisados a partir de um feixe segmental, ou melhor, como sendo constituídos por segmentos. Esses segmentos são caracterizados por suspensão (mãos paradas) ou por movimento (mãos se movimentando). Assim, há sinais constituídos por um único segmento (suspensão ou movimento) ou por uma sequência de segmentos (suspensão-movimento-suspensão).

Novamente, o feixe segmental tem a função de especificar o tipo de segmento que, no modelo em questão, pode ser de movimento, de suspensão ou uma sequência deles. O segmento de *suspensão* é definido pela ausência de movimento e estabilidade dos aspectos formacionais. Isso quer dizer que a suspensão é caracterizada pela configuração de mão, de ponto de articulação e de orientação da palma. O segmento de *movimento* é definido pela

presença de alteração de pelo menos um dos aspectos formacinais, ou seja, de alteração da configuração de mão, do ponto de articulação e da orientação da palma.

Além do feixe segmental, há também o feixe articulatório que é responsável por descrever a postura da mão durante suspensão e a postura da mão antes e depois do movimento. Na proposta de Liddell e Johnson (1989), há também traços que descrevem as expressões faciais, o tipo de contato entre as mãos, a região ipsolateral ou contralateral onde a mão se localiza no corpo, entre outros.

O sinal COMPRAR (Fig. 1) pode ser descrito como constituído por dois segmentos: suspensão-movimento (eixo segmental). A mão adota uma postura inicial e, a partir disso, realiza um movimento de mudança de configuração no momento em que faz contato com a mão não dominante. Dessa forma, a partir do eixo segmental, é possível observar uma sequencialidade desses segmentos. No caso do eixo articulatório, corresponde à descrição da postura da mão, durante a suspensão (mão parada), bem como antes e depois do movimento (para evidenciar a mudança que ocorre na postura da mão, durante o movimento). Ainda em relação ao eixo articulatório, é possível observar a simultaneidade de traços que caracterizam a postura da mão durante a suspensão, e antes e depois do movimento.

Figura 1: Sinal COMPRAR em Libras



Fonte: Elaborada por uma das autoras

De acordo com Xavier (2012), neste modelo com base em Liddell, Jhonson (1989) e em Xavier (2012), a configuração de mão, o ponto de articulação e a orientação da palma equivalem aos traços articulatórios que constituem cada um dos fonemas das línguas sinalizadas, realizados de maneira conjunta e simultânea. O movimento, nesta proposta, representa um dos dois tipos de segmentos que há nas línguas de sinais.

A modalidade gestual-visual também implica em características específicas em outros níveis de análise. Os parâmetros (unidades sublexicais) podem ser analisados como morfemas, pois, quando alterados, acrescentam significado a uma unidade lexical (CRUZ,

2020; FARIA- NASCIMENTO, 2013; FELIPE, 2007). De acordo com Faria-Nascimento (2013), a mudança de um dos parâmetros pode acrescentar significado ao sinal. Neste caso, o parâmetro pode ser visto como um morfema ou como uma unidade fonomorfológica, pois, além do traço distintivo, pode trazer em si um significado que é acrescido à unidade lexical.

Um exemplo desse fenômeno é a alteração da orientação da palma para indicar ironia. De acordo com Cruz (2020), o sinal LEGAL em Libras é realizado com a configuração de mão em quatro, palma da mão voltada para frente, com um contato de roçar da lateral do dedo indicador na região da bochecha, de maneira repetida. Segundo o autor, uma gíria que indica ironia, relacionada ao conceito de legal, é realizada com a mesma configuração de mão, mesmo contato e mesmo ponto de articulação, porém com a palma da mão voltada para trás, indicando ironia.

Figura 2: Alteração de orientação da palma indicando ironia



Fonte: Cruz (2020, p. 90)

Ainda em relação às especificidades das línguas de sinais, as expressões não manuais podem ser descritas a partir de características suprasegmentais, pois podem abranger uma cadeia de produção de sinais (segmentais), com implicações gramaticais. As expressões faciais para marcar sentenças interrogativas na Libras, por exemplo, ilustram o caráter suprasegmental dessas expressões.

As línguas de sinais podem expressar estruturas lexicais e gramaticais de maneira icônica. De acordo com Carneiro (2015; 2016b), o sistema articulatorio manual-corporal-espacial das línguas de sinais é vantajoso em codificar, de maneira transparente, características do processo de concepção. A experiência corporal e o *input* visual são fundamentais na compreensão da realidade e conferem um caráter icônico às línguas de sinais, a partir de uma relação mais transparente entre forma e significado. Importante ressaltar que as línguas

sinalizadas exibem, não uma relação direta entre imagem e referente, mas uma relação entre modelos mentais de imagem e seus referentes.

O corpo do sinalizante, por exemplo, pode ser segmentado para codificar um grande número de informações, de maneira icônica e simultânea. Na descrição de um evento, o sinalizante pode conceber participantes invisíveis (mapeados no espaço de sinalização), e participantes visíveis, mapeados sobre seu corpo, além de codificar o narrador, o evento e o estado de participantes (CARNEIRO, 2015; 2016a; CARNEIRO; OLIVEIRA, 2017; MCCLEARY; VIOTTI, 2011).

Nesse sentido, as línguas de sinais nos convidam a refletir sobre alguns pressupostos que tem sido estabelecido para a linguagem humana. De acordo com Ferreira (2010), a noção de arbitrariedade, por exemplo, talvez seja melhor compreendida como convencionalidade, o que nos provoca a repensar o que seja central na gramática de uma língua. Alguns aspectos da organização das línguas têm sido marginalizadas a fatores extralinguísticos, como os gestos e as ações corporais nas línguas naturais.

### **3. LÉXICO, IDENTIDADES E CULTURA SURDA**

De acordo com Everett (2020), o “conhecimento compartilhado” se refere aos pensamentos semelhantes de uma comunidade e é condição necessária para a cultura. Apensar desses pensamentos não serem a cultura em si, eles são reflexos dela e também subjacentes a ela. Esses pensamentos similares (e não necessariamente idênticos) surgem porque as pessoas desenvolvem o conhecimento em contextos específicos, por meio do qual a mente amplia, intensifica ou plenifica a consciência de seus próprios estados internos e representações, ou seja, as pessoas dão sentido a uma ideia ao assimilá-la ao corpo de ideias que já possuem.

Ainda segundo Everett (2020), esses pensamentos surgem a partir de experiências e de situações aparentemente similares, que geram um conhecimento individualmente armazenado e que pode ser socialmente compartilhado (ou não). Entretanto, descobrir o que as pessoas estão pensando intra ou interculturalmente não é tarefa fácil, mesmo porque os membros de determinada cultura não têm total ciência do que sabem.

Nesse sentido, as expressões linguísticas têm certos significados porque sabemos como usá-las, o que nos confere entendimento dessas formas e de que nossas ações são motivadas, de alguma forma, por esse conhecimento/experiência individual, mesmo que não saibamos explicar o que nos impulsiona linguisticamente. Portanto, esse conhecimento é proveniente de experiências a partir de situações específicas e está relacionado à cultura, no sentido de que está restrito socialmente e produz valores, conhecimento e papéis sociais.

Os surdos carregam traços específicos na construção simbólica e na forma de significar o mundo. De acordo com Perlin (2005), eles são sujeitos que vivem a partir da diferença surda, longe do paradigma da deficiência ou de qualquer menção a um corpo danificado. Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, os surdos não possuem a sensação de perda do sentido da audição e eles compartilham uma experiência (visual) única, por meio da qual fazem significação de mundo. Eles se comunicam, vivenciam uma cultura e desenvolvem uma identidade também baseada nessa experiência. Portanto, as línguas de sinais refletem a forma específica de como os surdos concebe o mundo e sua maneira particular de experienciar a realidade.

Considerando que as línguas sinalizadas manifestam características específicas enquanto sistemas linguísticos de modalidade gestual-visual e que os surdos compartilham língua, cultura e constroem identidades a partir da diferença surda, as comunidade surdas categorizam o mundo de forma específica. Sendo assim, a Libras reflete a forma específica de como o povo surdo brasileiro concebe o mundo e experiencia a realidade.

Para ilustrar esse recorte específico da realidade, em nível lexical, apresentamos sinais em que podemos distinguir a experiência linguístico-cultural dos surdos brasileiros, sinalizantes da Libras, quando comparados à experiência linguístico-cultural dos ouvintes brasileiros, falantes do português. Há dois sinais em Libras que têm o significado de bater papo, mas com significados específicos em relação à língua em que a interação acontece. A Figura 3, a seguir, ilustra esses dois itens lexicais.

Figura 3: Sinal BATER PAPO em Libras



Fonte: Elaborada por uma das autoras

A imagem da esquerda ilustra o bater papo entre interlocutores independentemente da língua, ou seja, envolve a interação entre os envolvidos, tanto falantes de línguas orais quanto sinalizantes de línguas de sinais. O sinal é bimanual, em que as mãos estão com os dedos estendidos e aduzidos e realizam um movimento de flexo-extensão na articulação de punho, de maneira alternada e repetida. Na imagem da direita, o significado de bater

papo é mais específico e remete à interação a partir de línguas de sinais. O sinal também é bimanual, em que as mãos estão com os dedos indicador, médio e polegar estendidos e abduzidos e há um movimento de rotação de punho, de maneira alternada e repetida.

Os sinais relacionados ao conceito de inclusão (no contexto educacional), em Libras, também evidenciam a experiência dos surdos brasileiros. A Figura 4, a seguir, ilustra esses itens lexicais.

Figura 4: Sinais relacionados ao conceito de inclusão em Libras



Fonte: Elaborada por uma das autoras

O primeiro sinal à direita ilustra uma inclusão equivocada, em que há um apagamento da diferença surda, mesmo que alunos surdos e ouvintes estejam em um mesmo espaço. Apesar de juntos, não há inclusão entendida como igualdade de oportunidades. O segundo sinal (no meio) remete a um conceito de inclusão em que um aluno surdo está imerso no universo majoritário ouvinte, sem a possibilidade de interagir com seus pares surdos. O terceiro sinal (à esquerda) remete a uma inclusão em que os alunos surdos têm a sua diferença contemplada no processo de ensino e aprendizagem dentro da escola, com a possibilidade de interação entre os pares, mesmo inserido em um ambiente majoritário ouvinte. Esses conceitos são codificados na língua em nível lexical.

Em uma pesquisa sobre o processo de criação de gírias em Libras, em um grupo de surdos na cidade de Palmas (TO), Cruz (2020) observa que muitos sinais, cujo ponto de articulação são localizados próximo à região da boca, acabam por ser realizados na mão. Essa é uma maneira de enaltecer a modalidade gestual-visual das línguas de sinais, ao mudar o ponto de articulação de alguns sinais da boca para as mãos, sendo uma reação às relações de poder entre ouvintes e surdos, em que os surdos sofrem uma imposição de uma língua oral (representada pelo português) sobre as línguas de sinais. Essa reação se manifesta no léxico, com um apagamento de qualquer menção à boca.

A Figura 5, a seguir, ilustra a gíria oriunda do sinal EXEMPLO que é monomanual, em que a mão está configurada com os dedos polegar e mínimo estendidos (configuração

de mão em Y). Há um contato repetido do polegar com a região do queixo, logo abaixo do lábio inferior.

Na gíria, conforme mencionado, há uma mudança do ponto de articulação, de forma que o contato do polegar da mão dominante acontece na região dorsal da mão não dominante.

Figura 5: Gíria EXEMPLO em Libras



Fonte: Cruz (2020, p. 92)

Segundo Carneiro (2019), a gramática de determinada língua revela como uma comunidade faz recorte da realidade, o que evidencia aspectos culturais e de identidade específicos de um povo. No português, por exemplo, os substantivos podem ser categorizados em femininos e não femininos, formando um sistema de gênero, já que essa marcação se reflete em outros elementos do sintagma nominal. É interessante observar que isso acontece inclusive em substantivos inanimados. A Libras é diferente do português: a marcação de masculino e feminino é opcional, acontece apenas em substantivos animados e não forma um sistema de gênero.

Ressaltamos que os surdos brasileiros (sinalizantes da Libras) possuem experiências únicas e, conseqüentemente, realizam um recorte específico da realidade. E essa especificidade se manifesta nos sinais topônimos.

#### **4. METODOLOGIA DE LEVANTAMENTO, REGISTROS E CATEGORIZAÇÃO DOS SINAIS TOPÔNIMOS**

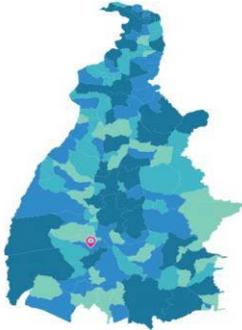
Para o procedimento de coleta de dados, está sendo realizado um levantamento dos sinais topônimos em circulação, a partir de conversas espontâneas entre surdos, nos momentos mais diversos, e a partir de entrevistas com surdos. Esse levantamento é conduzido por uma pesquisadora surda, uma das autoras desse artigo e que faz parte da comunidade

surda tocantinense. A coleta de dados acontece através de um trabalho de campo, a partir de uma observação participante. De acordo com Mónico *et al.* (2017), a observação participante é um método de investigação qualitativo que possibilita ao pesquisador obter uma perspectiva holística e natural do objeto de investigação.

A coleta dos sinais topônimos acontece a partir de conversas informais entre surdos, principalmente na Universidade Federal do Tocantins, no Campus de Porto Nacional, no Curso de Letras Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras, que possui uma linha de pesquisa específica intitulada *Língua Brasileira de Sinais*. Nesse Campus estudam muitos surdos oriundos de diferentes cidades do TO. A observação participante e a notação em campo também acontecem no contato surdo-surdo fora do ambiente universitário.

Os participantes das entrevistas atendem aos seguintes critérios: ser surdo; ser sinalizante da Libras; e conviver com outros surdos da cidade onde reside. Para a descrição, organização e apresentação dos topônimos, uma ficha lexicográfico-toponímica, chamada de Esquema 1, foi elaborada, baseada em Cruz (2020), Souza-Júnior (2012) e Sousa e Quadros (2019). Os microparadigmas elencados nessa ficha envolvem: a imagem do topônimo em Libras; o Mapa e Localização do Município; o link de acesso ao vídeo na Plataforma do *YouTube*; o registro do sinal em escrita de sinais, através do sistema *signwriting*; o nome do topônimo em língua portuguesa; a região administrativa a qual a cidade pertence; a descrição do sinal em seus aspectos articulatórios; a morfologia do sinal (simples ou composto); a categoria do topônimo (nativo/puro, inicializado ou soletrado); a motivação do sinal (icônica ou motivação da língua portuguesa); o nome da pesquisadora responsável pelo levantamento dos topônimos; o grupo de validação do topônimo; o tipo de fonte; e a data da coleta, conforme apresentado no Quadro 1:

Quadro 1: Esquema 1 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

<p><b>Topônimo em Libras</b></p> <p><b>Mapa e Localização do Município</b></p>	 <p>Imagem do topônimo em Libras, com o sinal da cidade de Aliança do Tocantins</p>	 <p>Imagem do limite geopolítico do município, com os limites de Aliança do Tocantins (indicação em vermelho). Fonte:</p>	
<p><b>Link de acesso ao vídeo</b></p>	<p><a href="https://youtu.be/43PGkLZGuJc">https://youtu.be/43PGkLZGuJc</a></p>		<p><a href="https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/alianca-do-tocantins/pesquisa/39/30279?tipo=cartograma">https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/alianca-do-tocantins/pesquisa/39/30279?tipo=cartograma</a></p>
<p><b>Escrita de sinais</b></p>	<p>Registro do sinal em escrita de sinais (<i>signwriting</i>)</p>		<p><a href="https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/alianca-do-tocantins/pesquisa/39/30279?tipo=cartograma">https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/alianca-do-tocantins/pesquisa/39/30279?tipo=cartograma</a></p>
<p><b>Topônimo em Português</b></p>	<p>Nome do topônimo em língua portuguesa</p>	<p><b>Região administrativa</b></p>	<p>Região administrativa a qual o município pertence</p>
<p><b>Descrição do sinal</b></p>	<p>Descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma e as expressões não manuais.</p>		
<p><b>Morfologia</b></p>	<p>Classificação do sinal lexical como simples ou composto</p>		
<p><b>Categoria</b></p>	<p>Categorização dos sinais em:                      (i) Nativos/Puros                      (i) Inicializados/Híbridos                      (iii) Soletrados</p>		
<p><b>Motivação</b></p>	<p>Descrição da motivação do sinal e sua categorização em:                      (i) motivação icônica, que pode ser proveniente de alguma manifestação cultural do lugar (cultural) ou de alguma propriedade física do lugar, percebida visualmente (material).                      (ii) motivação da língua portuguesa, que pode ser por calque, que corresponde a uma tradução literal do termo do português para a libras (calque) ou da grafia do nome que acaba por refletir na configuração de mão do sinal (grafia).</p>		
<p><b>Pesquisadora</b></p>	<p>Nome da pesquisadora responsável pela coleta</p>		

<b>Validação</b>	Grupo responsável pela validação dos topônimos
<b>Tipo de Fonte</b>	Tipo de fonte: oral ou documental
<b>Data da coleta</b>	Data da coleta do topônimo

Fonte: Adaptado de Cruz (2020), Souza-Júnior (2012) e Sousa e Quadros (2019)

Os sinais topônimos são analisados e categorizados a partir da forma e da motivação. Em relação à forma, os sinais topônimos são dispostos em três categorias: nativos/puros; inicialização; e soletração. Neste caso, observamos a ausência ou a presença de características que remetem ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essas são categorias exclusivas, ou seja, um sinal somente pode ser classificado em uma dessas possibilidades. As categorias aqui definidas não remetem à motivação que perpassa pela forma desses sinais. Para uma análise da motivação, criamos outras categorias de análise, apresentadas mais adiante.

Os topônimos categorizados como *nativos/puros* são sinais formados por configurações de mão cuja forma não remete ao nome em língua portuguesa. Por mais que alguns desses sinais possam ser oriundos de *calque*<sup>2</sup>, a configuração não corresponde à representação da grafia do nome do topônimo em português.

Mantemos o nome da categoria de *puro* por ser um termo muito recorrente entre os surdos para categorizar sinais da Libras. De acordo com Quadros (2019), os surdos brasileiros apresentam certa resistência em relação aos sinais cuja configuração de mão remete à língua portuguesa e, de alguma forma, às relações de poder entre surdos e ouvintes e às questões de colonialidade.

Os topônimos categorizados como *inicializados* são sinais cuja forma remete, de alguma maneira, ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essa menção ao topônimo em português acontece através da configuração de mão que corresponde à representação da grafia, a partir do alfabeto manual. O parâmetro ponto de articulação e movimento apresentam uma gama maior de possibilidades e podem exibir características icônicas do referente.

Em geral, o termo inicialização se refere aos sinais que utilizam uma configuração que corresponde à primeira letra da palavra equivalente em uma língua oral (FERREIRA, 2010). Esses sinais acabam sendo considerados híbridos, pois há componentes que remetem à língua estrangeira e componentes que remetem aos processos de construção de palavras da língua de sinais (língua importadora).

Os topônimos categorizados como *soletrados* são oriundos da soletração do nome do topônimo em língua portuguesa e passaram por um processo de lexicalização (ADAM, 2012; FERREIRA, 2010; NASCIMENTO, 2011; QUADROS; KARNOPP, 2004). Esse processo corresponde a uma adaptação fonológica em que, por um processo diacrônico,

a estrutura que faz menção ao nome em português, através da soletração, tem o número de configuração de mãos e de orientação da palma reduzidos. Nesses sinais, o parâmetro ponto de articulação está restrito ao espaço neutro, mais especificamente à região ipsolateral da mão responsável pela realização do sinal. Já o parâmetro *movimento* está restrito aos movimentos internos de mudança de configuração, bem como movimentos que preparam uma suspensão, característicos dos topônimos soletrados.

As categorias *nativos/puros*, *inicialização* e *soletração* categorizam os topônimos a partir de uma análise do parâmetro configuração de mão, que pode remeter de maneira gradiente o nome do topônimo em língua portuguesa. O Esquema 2, a seguir, ilustra essa gradiência.

Figura 6: Esquema 2 - Gradiência entre as categorias de topônimos



Fonte: Elaborado pelos autores

Os topônimos também são classificados a partir de dois tipos de motivação. O primeiro tipo foi a Motivação Icônica, que considerou as características físicas do lugar e as culturais relacionadas ao lugar. Tais características, de alguma maneira, estão codificadas na forma do sinal. No primeiro caso, intitulamos a motivação por características físicas do lugar de *material*. No segundo caso, intitulamos a motivação por características culturais do lugar de *cultural*. O segundo tipo de motivação foi a Motivação em Português, que pode ter motivado tanto por calque quanto pela presença de uma configuração de mão que remete à grafia do nome em língua portuguesa, intitulada de *grafia*. Ressaltamos que há topônimos que apresentaram dois tipos de motivação, envolvendo tanto um mesmo domínio quanto domínios distintos, de forma que essas características não são exclusivas.

A validação dos topônimos coletados acontece em uma reunião com um grupo de validação, composto por participantes surdos oriundos das cidades de Araguaína, Dianópolis, Gurupi, Formoso do Araguaia, Palmas e Porto Nacional, que sugerem que esses sinais topônimos estão/estiveram em uso. Para fins de socialização e disseminação de sinais topônimos do TO, foram veiculados vídeos sobre os topônimos na Plataforma *YouTube*, como mais uma forma de documentação e disponibilização dos dados.<sup>3</sup>

3 O canal está disponível no link [https://www.youtube.com/channel/UC5JuYq7jVxqUe0gFeZIP\\_BQ](https://www.youtube.com/channel/UC5JuYq7jVxqUe0gFeZIP_BQ).

## 5. ACHADOS PRELIMINARES

Nesta seção, apresentamos alguns dados em relação à forma dos topônimos e algumas considerações preliminares sobre a análise, lembrando que esta pesquisa ainda está em andamento.

O estado do TO é composto por 139 municípios, sendo que alguns deles possuem um sinal em Libras, o que indica a existência de um item lexical atrelado a essa localidade. Tais topônimos, sendo itens lexicalizados, apresentam parâmetros estáveis no sentido de exigirem critérios de boa formação e com um significado relativamente independente do contexto. Outros municípios não possuem sinal lexical e podem ser referenciados a partir do nome em língua portuguesa. Nesse caso, os membros da comunidade surda usam a estratégia de transliteração, que corresponde à representação visual da grafia do topônimo (em português) através da articulação de configurações de mão em sequência que correspondem à ortografia do nome. Os municípios podem ainda ser referenciados a partir de sua localização espacial, ou seja, tal “lugar/ cidade” é “próximo de tal lugar/cidade”.

Em relação à forma, os sinais são categorizados em *nativos/puros*, *inicializados* e *soletrados*. O sinal da cidade de Palmas, ilustrado a seguir, é um exemplo de topônimos puros/nativos. Apesar de ser motivado por calque, a configuração de mão do sinal não remete ao nome do topônimo em língua portuguesa.

Figura 7: Sinal de Palmas



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Os sinais das cidades de Ponte Alta do Bom Jesus e de Dueré, ilustrados a seguir, são exemplos de topônimos inicializados, cuja configuração de mão remete ao nome do topônimo em língua portuguesa, mas os parâmetros ponto de articulação e movimento são livres e podem exibir (ou não) características icônicas do referente. No caso de Ponte Alta do Bom Jesus, esses parâmetros são icônicos e remetem à altura de uma antena de telecomunicação da cidade.

Figura 8: Sinal de Ponte Alta do Bom Jesus



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Diferentemente do anterior, o sinal de Dueré, parece não exibir características icônicas (Fig. 9).

Figura 9: Sinal de Dueré (TO)



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Os sinais soletrados são oriundos da soletração do nome do topônimo em língua portuguesa e passaram por um processo de lexicalização. Os sinais das cidades de Guaraí e Arapoema são exemplos dessa categoria de topônimos (Figs. 10 e 11).

Figura 10: Sinal de Guaraí (TO)



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Figura 11: Sinal de Arapoema (TO)



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Em uma descrição preliminar dos dados, em relação à forma dos sinais topônimos, a maioria dos sinais são considerados inicializados. Todos os sinais inicializados tem como motivação a grafia do nome, pois prevalece uma configuração de mão que corresponde à representação da grafia do topônimo em língua portuguesa. Entretanto, os parâmetros movimento e ponto de articulação podem expressar características icônicas, motivados por alguma característica material ou cultural do lugar.

A segunda categoria mais frequente são os topônimos *nativos/puros*, em que estão incluídos os topônimos motivados por calque. Isso significa que nem todo sinal *nativo/puro* parece exibir características icônicas em seus parâmetros formacionais.

Por fim, a categoria de menor frequência são os topônimos *soletrados*, cujo parâmetro ponto de articulação está restrito à região do ombro ipsilateral, no espaço neutro. O movimento que acontece corresponde aos movimentos internos da mão para mudança de configuração e/ou preparação de uma suspensão. Todos os sinais soletrados foram motivados apenas pela grafia do topônimo em língua portuguesa.

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo é uma descrição e análise dos aspectos estruturais e motivacionais dos sinais topônimos das cidades do Tocantins, cujo objetivo é levantar, registrar e analisar os sinais das cidades do Tocantins na língua de sinais brasileira. Mais especificamente, estivemos atentos às propriedades articulatórias e a motivação desses sinais, a fim de propor uma tipologia a partir da forma e da motivação. Ressaltamos que essa investigação foi conduzida por uma pesquisadora surda.

As línguas de sinais, enquanto línguas naturais, manifestam-se a partir do contato entre surdos de suas comunidades e, conseqüentemente, da diferença surda. Eles apresentam um nível de experiência de vida que é partilhada apenas por surdos e, quando pensamos nos surdos brasileiros e sinalizantes da Libras, essa experiência se torna ainda mais específica. Assim, consideramos que os surdos sinalizantes da Libras concebem, entendem e se relacionam com o mundo de uma maneira específica.

A partir de uma análise das propriedades articulatórias do sinal, os topônimos foram categorizados em nativos (ou puros), inicializados (ou híbridos) e soletrados. Essas são categorias exclusivas e não remetem à motivação que perpassa pela forma desses sinais.

A maioria dos sinais foram considerados inicializados, caracterizando mais da metade da amostra. Os topônimos inicializados se referem a sinais cuja configuração de mão remete à ortografia do topônimo em língua portuguesa. Nesse caso, esses sinais também são considerados híbridos por que apresentam parâmetros formacionais não relacionados à ortografia do nome em português. Por isso, todos os sinais inicializados tiveram como motivação a grafia do nome, pois em todos prevalece uma configuração de mão que corresponde à representação da grafia do topônimo em língua portuguesa. Entretanto, diferentemente do parâmetro configuração da mão, os parâmetros movimento e ponto de articulação apresentam uma gama maior de possibilidades, podendo expressar características icônicas, de maneira a fazer referência transparente a algo material ou cultural do lugar.

A segunda categoria mais frequente em relação à forma são os topônimos categorizados como nativos/puros. Esses topônimos são sinais formados por parâmetros da Libras, cuja forma da configuração de mão não remete ao nome em língua portuguesa. Nessa categoria também estão incluídos os topônimos motivados por calque. Isso significa que nem todo topônimo nativo/puro exibe características icônicas em seus parâmetros formacionais.

Por fim, a categoria de menor frequência encontrada foram os topônimos soletrados. Esses sinais são oriundos da soletração do topônimo em língua portuguesa, através do alfabeto manual e passaram por um processo de lexicalização. A lexicalização consiste de uma adaptação fonológica em que, por um processo diacrônico, a estrutura faz menção ao

nome em português e passa a ter um número de configuração de mãos e de orientação da palma reduzido. Especificamente, nesses sinais, o parâmetro ponto de articulação está restrito à região do ombro ipsolateral, no espaço neutro. O movimento que acontece corresponde aos movimentos internos da mão para a mudança de configuração.

Para fins de socialização e disseminação de sinais topônimos do Tocantins, veiculamos vídeos sobre os topônimos coletados na Plataforma *YouTube*, como mais uma forma de documentar e disponibilizar os dados. Ressaltamos que este trabalho fez o levantamento de sinais topônimos que estão em circulação. Não pretendemos criar novos sinais, em uma postura hegemônica frente à comunidade surda local, mas catalogar os sinais em uso.

Mais pesquisas precisam ser feitas sobre os sinais topônimos das cidades do Tocantins, de forma a descrever com detalhes os aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos relacionados à comunidade surda local, que podem ter influenciado na criação desses topônimos. Importante também serem realizados estudos para discutir a variação lexical e fonológica dos topônimos encontrada nesses dados.

Ressaltamos que os resultados desta pesquisa contribuirão com o Projeto *Toponímia em Libras*, coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal do Acre, com o objetivo de documentar e disponibilizar topônimos em Libras através de sítio eletrônico vinculado ao Projeto.

## 7. REFERÊNCIAS

ADAM, R. *Language contact and borrowing*. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign language: an international handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 841-861.

BARROS, Mariângela Estelita. **Elis**: Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Os surdos também falam? Aspectos sobre língua de sinais/cultura surda para estudantes ouvintes de Libras como segunda língua. **Revista São Luis Orione**, Araguaína, v. 1, n. 14, p. 1-18, 2019.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. O corpo e classificadores nas línguas de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 118-129, 2016a.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 67, p. 104-119, 2016b.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. **Antares**, Caxias do Sul, v. 7, n. 14, jul./dez., 2015.

- CARNEIRO, Bruno Gonçalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. **Via Litterae - Revista de Linguística e Teoria Literária**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 41-58, 2017.
- CRUZ, Cristiano Pimentel. **Gírias na Língua de Sinais Brasileira**: processos de criação e contextos de uso. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Câmpus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, Tocantins, 2020.
- EVERETT, Daniel. O papel da cultura na língua(gem) e na cognição. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 1-37, 9 jul. 2020.
- FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. *In*: QUADROS, Ronice; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcício. (Orgs.). **Estudos da língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.
- FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais na língua de sinais brasileira – LSB**. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FELIPE, Tânia Amara. **Libras em Contexto**. Curso Básico. Livro do Estudante. 8. ed. Brasília: WalPrint Gráfica e Editora. 2007.
- FELIPE, Tânia Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, junho 2006.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2010.
- FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar**: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1998.
- LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. *American Sign Language: the phonological base*. **Sign Language Studies**, New York, v. 64, set./nov., p. 195-277, 1989.
- MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 289-304, 2011.
- MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim; PARREIRA, Pedro; CASTRO, Paulo Alexandre. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Atlas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, Aveiro/Portugal, v. 3, 2017.
- NASCIMENTO, Cristiane Batista. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. **Revista Trama**, Cascavel, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 51-74.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodernir Becher. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Muller de. O Web Software Toponímia em Libras: Pesquisa e Ensino. *In*: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos (Orgs.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019a, p. 11-33. (Vol. 3).

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Muller de. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Guavira Letras**, Campo Grande, v. 15, n. 30, p. 126-40, 2019b.

SOUSA, Alexandre Melo de. Toponímia em Libras (s/d). Disponível: <http://www.toponimialibras.com/>. Acesso em: 10 maio 2020.

XAVIER, André Nogueira. A Estrutura Interna dos Sinais da Libras à Luz do Modelo de Análise Fonético-Fonológica de Liddell e Johnson (1989). *In*: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (Orgs.). **Libras em estudo**: descrição e análise. São Paulo: FENEIS, 2012.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológico dos sinais da língua de sinais brasileira (libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2006.